

Educação, sexualidade e religião: (des) colonizando corpos femininos

*Education, sexuality and religion:
(dis) colonizing female bodies*

DEYSE LUCIANO DE JESUS SANTOS

UNINASSAU — Lauro de Freitas
deyse10luciano@gmail.com

JAMILE DOS SANTOS FERREIRA TRINDADE

UNINASSAU — Lauro de Freitas
jamiletrindade@icloud.com

Resumo

Quando falamos de corpos femininos tratamos de discussões seculares sobre relações de gênero que vêm demarcando espaços de luta e poder das mulheres na contemporaneidade. Os espaços de transição e ocupação delas, assim como as relações cotidianas que interferem em suas subjetividades têm sido um campo de estudo cada vez mais ampliado no âmbito acadêmico. No Brasil, a diversidade dos corpos pode estar simbolicamente representada a partir do pertencimento religioso e/ou étnico racial. É nesse sentido que o presente artigo tem como objetivo compreender as convicções/concepções das/os fiéis protestantes a respeito da interferência da religião na educação sexual e colonização dos corpos femininos. Ancorado na pesquisa de campo de abordagem qualitativa, realizada com um grupo de senhoras e lideranças na igreja Assembleia de Deus, o estudo revelou que os corpos femininos não só são condicionados às diretrizes denominacionais como são colonizados ética e esteticamente a partir de padrões ocidentais.

Palavras-chave

Educação sexual | corpo feminino | Assembleia de Deus

Abstract

When we talk about the female body, we are dealing with secular discussions on gender relations that have been demarcating spaces of struggle and empowerment of women today. Their spaces of transition and occupation, as well as the daily relationships that interfere with their subjectivities, have been an increasingly broad field of study in academia. In Brazil, the diversity of bodies can be represented based on racial, religious and/or ethnic belonging. It is in this sense that the present article aims to understand the beliefs/conceptions of Protestant faithful regarding the interference of religion in sexual education and colonization of female bodies. Anchored on field research with a qualitative approach, carried out with a group of women and leaders of the Assembly of God church, the study revealed that female bodies are not only conditioned to denominational guidelines, but are also colonized ethically and aesthetically by Western standards.

Keywords

Sexual education | female body | Assembly of God

Introdução

A vida em sociedade sempre esteve associada a padrões culturais e comportamentais organizados e fundamentados a partir das formações morais dos grupos. A diversidade cultural, assim como a variedade de discursos ideológicos fundamentam opções, escolhas e relações baseadas nos critérios de composição das mentalidades presentes no cotidiano dos sujeitos. Nesse contexto, a relação dos indivíduos com o seu corpo esteve associada a padrões morais e estéticos construídos em seus grupos de pertencimento, considerando-o “um fenômeno social e cultural, motivo simbólico, objeto de representações e imaginários” (Breton 2012, 7).

No campo religioso judaico cristão, a adoção de modelos moralmente aceitos, se dá, sobretudo, através das doutrinas que desempenham o papel de adequação dos corpos à exigência socialmente construída nos moldes tradicionais. O sistema simbólico presente nos espaços de fé estrutura a lógica ética e moral determinada mormente, a partir de padrões estéticos próprios de cada doutrina. Sendo o corpo um espaço

biopolítico (Foucault 1994), passa a representar “o lugar de contato privilegiado com o mundo, está sob a luz dos holofotes” (Breton 2012, 10). No contexto religioso, pode ser compreendido enquanto uma construção social que assumem características e padrões próprios de cada grupo e, portanto, espaço de identidade e poder. Aquelas/es que não se adequassem e/ou ainda hoje, não estejam consoantes ao modelo comportamental socialmente construído, são excluídas/os e/ou mesmo sofrem com o estigma social do grupo em que esteja inserido.

Tais padrões, na maioria das vezes, estão associados a modelos éticos e/ou morais determinados por grupos “civilizados”, onde a adoção de comportamentos moralmente aceitos se dá sobretudo, pela influência da religião e das suas doutrinas, que cumprem o papel de adequação dos corpos à exigência socialmente construída nos moldes dominantes. Ao discutir o processo civilizador no mundo ocidental, Norbert Elias (1994), aponta como o aumento da riqueza no século XVIII e o surgimento das classes médias em busca de inserção social, os homens buscam a reproduzir o comportamento burguês, onde [...] os círculos clericais, acima de todos, tornam-se os divulgadores dos costumes de corte. O controle das emoções e a formação disciplinada do comportamento, [...] (Elias 1994, 110-111).

Assim sendo, a educação se torna imprescindível no favorecimento das ações e na reprodução dos padrões socialmente construídos e, a partir dela, adquiridos quer seja na família, nos espaços religiosos e/ou de convivência da comunidade. Neste sentido, a educação está presente em todos os espaços de socialização humana e “a igreja revela-se como tantas vezes ocorreu, um dos mais importantes órgãos da difusão de estilos de comportamento [...]” (Elias 1994, 110-111) e, ao considerar a diversidade étnico racial, de gênero e classe social como fatores importantes no construto desse contexto, compreendemos o espaço religioso como preponderante na formação do sujeito. Destarte, o texto ora apresentado tem como objetivo analisar as convicções/concepções das/os fiéis protestantes a respeito da interferência da religião na educação sexual e colonização dos corpos femininos.

Parte das experiências vivenciadas pelas autoras; uma, na condição de fiel, percebe que há um silêncio eminente sobre essa discussão no interior da igreja e a outra, na condição de pesquisadora há mais de dez anos sobre educação e religião com orientações e imersão no campo cristão, discute questões étnico raciais e de gênero, bem como observa a influência dos espaços de educação nas igrejas e suas relações além dos muros de suas doutrinas.

A igreja forma um corpo social organizado. Partindo desse princípio, nos espaços de formação das/os fiéis, se faz necessário não apenas mencionar temas concernentes à fé, podendo também discorrer sobre assuntos sociais como a educação sexual sobretudo, considerando a diversidade de gênero e raça, assim como, as questões que atuam sobre o corpo feminino. E, enquanto corpos socialmente organizados que são, em meio a uma sociedade machista, sexista e misógina, os espaços de fé não fogem à regra dos

preconceitos e ações punitivas ao corpo feminino, historicamente “subalternizado” às necessidades e realizações do homem.

Não obstante, observamos que a Bíblia não se exima e sim normatiza a realidade das/os fiéis a respeito do sexo. A exemplo de I Coríntios 7:4 “*A mulher não tem poder sobre o seu próprio corpo, mas tem-no o marido; e da mesma maneira o marido não tem poder sobre o seu próprio corpo, mas tem-no a mulher*”. A partir desta proposição, pode ser oportuno o estudo sobre a educação sexual, que auxilie o conhecimento do corpo, o desvio de doenças sexualmente transmissíveis, a gravidez indesejada, abuso sexual, entre outros temas pareados com a sexualidade. Entretanto, essa é uma questão pouco ou nunca discutida entre as/os fiéis nas escolas bíblicas dominicais, tomando como exemplo a igreja onde foi realizada a pesquisa, por ser esse espaço voltado às concepções de fé e dedicação a doutrina causando estranheza a muitas/os, quando questionadas/os nas igrejas, principalmente no trato de assuntos ligados ao universo feminino.

Por que a educação sexual não está inserida no âmbito religioso pentecostal? Quais os diferentes posicionamentos sobre a educação sexual voltadas ao universo feminino? O que diz a Bíblia sobre o ato sexual? Quando se trata de corpo, como a “Palavra¹” discute o feminino e o masculino no âmbito da sexualidade? Há diferenças entre mulheres e homens ou ambos recebem tratamento igualitário? Não seria a falta de hábito em se discutir tais questões, um campo favorável a variados conflitos, nos espaços de fé?

Diante o exposto, considerando ser a questão sexual inerente à vida das/os fiéis enquanto uma necessidade básica e fundamental, observando a resistência das denominações pentecostais que segue o modelo de “santidade”², que segundo Oliveira (2004, 76-77): “uma santidade que distancia os homens do mundo à sua volta, fazendo-os viver como se pertencessem a outra dimensão ou realidade,” questiona-se: Na perspectiva das fiéis protestantes qual a importância da educação sexual em seu contexto cotidiano? Tais observações, advém da configuração do pensamento impresso nas/os fiéis desses espaços religiosos, em que a condição feminina, sobretudo quando a questão está no prazer sexual, é sempre colocado em segundo plano, ou mesmo não discutido, pois “no ambiente de fé cristão o corpo é considerado perigoso; é o lugar das tentações” (Lemos 2012, 18); e por isso deve ser controlado.

Para tanto, buscou-se: identificar como as fiéis são orientadas na relação entre seu corpo e o sexo; destacar as possíveis implicações emocionais e comportamentais diante da ausência da educação sexual, descrever acerca da questão sexual presente no contexto cristão da Palavra, bem como sugestões presentes nas publicações voltadas às

¹ No contexto cristão onde segundo Navarro (2002, 96), há crença “em Nosso Senhor Jesus Cristo, como Deus e Salvador conformes as escrituras [...]” é comum utilizar-se ‘a Palavra’ para se referir à Bíblia.

² Sobre a relação do corpo com a santidade, ver: Coríntios 6:17 “Mas o que se ajunta com o senhor é um só espírito” 6:19 Ou não sabeis que o vosso corpo é o templo do Espírito Santo, que está em vós, proveniente de Deus, e que não sois de vós mesmos?” Dessa forma, a santidade perpassa um comportamento de retidão por parte da fiel (2015, 1888)

orientações dispensadas ao corpo feminino. A partir de dados coletados pelas pesquisadoras, em um grupo focal com sete mulheres em idades compreendidas entre 30 e 70 anos, e questionário aplicado com cinco homens entre 28 e 70 anos, tendo como campo uma igreja Assembleia de Deus, situada no município de Lauro de Freitas, Bahia.

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa em questão segue determinações qualitativas, compreendendo a realidade social como parte das experiências do vivido e experienciado pelo indivíduo, validando a subjetividade de cada sujeito (Minayo 2001), o que permite investigar uma realidade. Nesse contexto, a pesquisa social qualitativa “trabalha com o universo de significados, “[...] o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos, e dos fenômenos que não podem ser reduzidos a operacionalização de variáveis” (Minayo 2001, 21).

Sexo, religião e educação: corpos em doutrina

Discutir sexo e sexualidade sempre foi motivo de tensão e desconforto em quase todas as esferas da vida em sociedade, sobretudo ao se tratar de determinados espaços religiosos, em que nas concepções morais doutrinárias, a educação sexual vem sendo um assunto ignorado, em concordância com determinadas convenções sociais. De acordo com Muller (2009) o início da discussão sobre o tema em questão, se deu na França com o intuito de conter as manifestações sexuais infantis, protegendo as crianças dos “perigos” da sexualidade, mais precisamente da masturbação. Ainda hoje, é comum as igrejas eludirem da discussão mesmo nos grupos de jovens onde negam a legitimidade da relação de interação da/o fiel com o próprio corpo. Quer seja do sexo masculino ou do feminino, a masturbação ainda é um tabu, sendo questionada e apontada como negativa à formação do jovem.

É preciso ressaltar que no Brasil, o combate às práticas sexuais fora dos padrões determinados pela igreja católica data do século XVI, onde o padrão moral das famílias se baseava na figura do homem como provedor da casa dotado de todo poder sobre a mulher e as/os filhas/os. Era ele, “dentro do lar, fortalecendo o controle sobre esta que, desde Eva, estaria votada ao descrédito” (Priore 2009, 117). Ainda que tenhamos avançado na discussão, a religião está muito presente na formação dos sujeitos, sobretudo as religiões judaico-cristãs. O corpo feminino sempre foi representado como físico e mentalmente inferior ao homem, cabia a mulher, “o casamento como ordenamento social, e a família como palco para uma revolução silenciosa de comportamentos” (Priore 2009, 116). Além disso, seguindo variadas interpretações da Palavra Bíblica, a mulher recebe conceitos subalternizadores como pecadora, lasciva e, apontada como demoníaca.

Del Priore (1993) ao discutir a história da mulher no Brasil colonial, nos leva a inferir que a educação ocidental, tendo como base o cristianismo, suscitou um projeto de normatização dos corpos. Contexto em que as mulheres são vistas como objetos e não sujeitos de sua própria história. Mentalidades, segundo a autora, construídas a partir da visão médica e religiosa do lugar da maternidade, num processo de adestramento dos

corpos, mas que ainda se mantêm presente em muitos grupos religiosos tradicionais.

De acordo com Lima Júnior (2009), o empenho das/os educadoras/es na tarefa de propagar a educação sexual nas escolas, sobretudo como forma de discutir acerca da gravidez indesejada, assim como das doenças sexualmente transmissíveis, logo, ingressou no comportamento sexual, em seguida, nas abordagens de questões biológicas (corpo humano, genética). No Brasil somente nos intervalos de 1920 a 1930 surgiu a necessidade de atentar para a temática, advinda de educadores e médicos, visando em especial a saúde da mulher. Entretanto, tais atitudes resultaram em resistência e repressão, causando controvérsia e desconforto no contexto social, além de acusações judiciais, exoneração e suspensão de cargos.

No contexto educacional brasileiro, alguns professores/as e pesquisadores/as, apesar de todo o debate contrário, diante dos problemas, de ordem social e econômica sobretudo enfrentados por mulheres, defendem a relevância de discutir, refletir, e questionar educação sexual nos âmbitos formais e não-formais, unidos às amarras socioculturais, principalmente nas doutrinas religiosas, elevando a relutância de transcorrer livremente a questão (Figueiró 2001). A autora afirma ainda que a educação sexual é indissolúvel dos processos que permeiam a educação global.

Para Maia e Ribeiro (2014) é preciso considerar a subjetividade de cada indivíduo, conhecendo as pluralidades sexuais e preceitos a eles/as pareados, sem os isolar da coletividade. Neste aspecto, diante da subjetividade apontada pela autora, compreendemos aqui a diversidade desses corpos sociais, culturais e raciais. A demanda das subjetividades nos impõe a necessidade de ampliarmos nossas lentes para essas mulheres na condição de sujeitos e não de objetos da história.

Consideremos também, que no contexto da educação sexual, as referidas discussões no espaço escolar sempre tiveram como foco o universo feminino, pois quando tratadas as questões relacionadas à gravidez na adolescência, e/ou doenças sexualmente transmitidas, na maioria das vezes, as meninas se viam apontadas como responsáveis por muitos dos problemas causados pela descoberta sexual “precoce”, como se o parceiro não tivesse envolvido no ato. O que fez com que os estudos de gênero priorizassem as mulheres, devido ao contexto de repressão, discriminação e negação em que sempre estiveram colocadas, mas compreendendo ser essa uma questão histórica fundada nas relações sociais.

Ainda que os estudos continuem priorizando as análises sobre as mulheres, eles estarão agora, de forma muito mais explícita, referindo-se também aos homens (Louro 2014). A culpa que a mulher carrega consigo, ao longo de suas histórias, é demarcada por discursos que definem o ser feminino, a docilidade de seus corpos, a estética benevolente e aceita, o certo e o errado, a santa e a puta.

Para Colling (2014, 15):

Se o século XIX consolida a noção de sexualidade a sua regulamentação deve-se mais ao co-chicho do confessional, à olhada pedagógica e sua psiquiatrização sistemática. A mulher verá crescer sua identidade em discursos que ela não formulou, caminhará com a palavra emprestada, como uma estrangeira. Definindo-se em uma linguagem feita por outros, vivendo em um espaço desenhado por outros, em uma trama de razões que outros pensaram.

Ao pensar em transgredir essa trama, libertar as amarras que normatizam e sujeitam seus corpos, a mulher vai de encontro aos discursos que a determinou frágil, incapaz, lasciva e pecadora. A não aceitação da liberdade de expressão, sobretudo, na relação dela com seu corpo cria estereótipos e geram preconceitos tornando-a malvista e/ou excluída do espaço de fé e das relações com outras mulheres. Por conta disso,

[...] como antídoto a este possível mal, resta o encarceramento no espaço doméstico. As que resistem a estes preceitos, consideradas perigosas e maléficas, são acusadas de contribuir para o desmantelamento dos lares e da família (Colling 2014, 17).

No caso aqui em análise, a falta de informação, aliada à diversidade de interpretações do campo religioso acerca dos corpos femininos, podem interferir na relação sexual dos casais, promovendo uma baixa autoestima e um conflito entre a fiel e a sua sexualidade? Considerando que no contexto denominacional aqui apresentado como campo da pesquisa, o púlpito é de prioridade masculina, não seria também, de responsabilidade dos homens, as possíveis contradições de interpretação da Palavra? A educação sexual, para Figueiró (2009, 163):

[...] tem a ver com o direito de toda pessoa de receber informações sobre o corpo, a sexualidade, e o relacionamento sexual, e também, com o direito de ter várias oportunidades para expressar sentimentos, rever seus tabus, aprender, refletir, e debater, para formar sua própria opinião, seus próprios valores sobretudo, no que é ligado ao sexo.

No entanto, o que se observa no contexto cristão pentecostal é que as leituras e narrativas versam sobre uma superioridade masculina em detrimento do corpo feminino. Interpretação que vem reproduzindo ao longo dos séculos uma visão machista e sexista de sociedade onde a mulher quando não perigosa (Tiburi 2019, 19), está associada ao sexo frágil: a boa esposa, mãe e rainha do lar, uma mulher santa que edifica seu lar. Em todos os lugares do mundo, existem milhares de artigos e livros ensinando o que as mulheres devem fazer, como devem ou não devem ser para atrair e agradar os homens. “Livros como os homens devem agradar as mulheres são poucos” (Adichie 2015, 27).

Reconhecer essa falha na perspectiva de como a sociedade vem submetendo a mulher a um segundo plano, nos leva a refletir e questionar o modo como as igrejas fazem as leituras e interpretações focando nas obrigações da mulher como se dela fosse toda a

responsabilidade para a boa relação conjugal, em favor sempre de uma visão patriarcal de sociedade. Entretanto, é preciso desconstruirmos do imaginário social essa condição dada à mulher, tratar as lacunas, “as fraturas do presente” (Foucault 1999), que têm como causa o modelo social machista em que estamos inseridos. Considerando que os espaços de educação contribuem para a reprodução das práticas de conformação dos corpos, os quais deverão atender as imposições das doutrinas, seriam eles também o local de “(des)conformação” destes corpos seguindo suas próprias leituras, na condição de sujeitos e não de objetos de desejo.

Educando no espaço religioso: o papel da igreja

A aplicabilidade da educação permite reflexões, estímulos que conduzem o indivíduo a diferentes tipos de campo de aprendizagem. Brandão (1981) afirma que a educação ocorre de múltiplas maneiras, com o objetivo de propor e estabelecer atuações. Para o referido autor, o ensino tem o efeito natural de formar, transformar e desenvolver o sujeito em seus aspectos social, físico, intelectual e moral. O autor prossegue salientando que o processo educativo inicia no núcleo familiar, logo se estende ao convívio social (igreja, escola, rua) compreendendo então, que o saber se movimenta em todos os espaços sociais. Assim, a construção de saberes não deve limitar-se ao contexto institucional, sendo possível criar e recriar práticas a partir das necessidades sociais.

A educação na igreja, objeto de estudo aqui apresentado, trata sobretudo da relação entre o/a fiel e a fé. Como eles/as lidam com a doutrina dentro e fora do espaço religioso é de fundamental importância para se alcançar uma santidade. Faz parte do cotidiano do/a fiel, assumir uma postura social condizente com o que prega a Palavra. E nesse sentido, existem limites que são impostos à discussão de determinados temas, a fim de não provocarem tensões e/ou questionamentos inadequados.

A moral cristã está posta como a referência moral da sociedade ocidental. Decorre daí que, para muitos, a educação feminina não poderia ser concebida sem uma sólida formação cristã. [...] Para as denominações protestantes no Brasil, a moral religiosa, que apontava a dicotomia entre Eva e Maria. [...] Esse ideal feminino implicava o recato e o pudor, a busca constante de uma perfeição moral, a aceitação de sacrifícios, a ação educadora de filhos e filhas (Daéb's 2017, 67).

Para tanto, ressalta-se a família como disciplinadora na aplicação da doutrina seguida das Escolas Bíblicas Dominicais (EBD)³ que favorecerão o diálogo entre os grupos pertencentes ao espaço religioso como um todo. Muitos espaços considerados não formais, como no caso as Escolas Bíblicas Dominicais, mantêm a sua própria formalidade

³ As Escolas Bíblicas Dominicais (EBD) se trata de proposta pedagógica voltada a alfabetização a partir da Bíblia.

com diretrizes e normas que especificam esse contexto educativo com base no religioso e, por conta disto, é preciso que reflitamos acerca de como essas educações interferem e/ou atuam no contexto social.

De acordo com Gohn (2005, 2):

A educação formal tem objetivos claros e específicos e é representada principalmente pelas escolas e universidades. Ela depende de uma diretriz educacional centralizada como o currículo, com estruturas hierárquicas e burocráticas, determinadas em nível nacional, com órgãos fiscalizadores dos ministérios da educação. A educação não-formal é mais difusa, menos hierárquica e menos burocrática. Os programas de educação não-formal não precisam necessariamente seguir um sistema sequencial e hierárquico de “progressão”. Podem ter duração variável, e podem, ou não, conceder certificados de aprendizagem.

Considerando, então, que a educação se faz presente em todos os espaços de socialização, como apontado anteriormente; como a educação sexual se faz presente nos espaços de educação das instituições religiosas? De que forma a Assembleia de Deus, vem se posicionando frente à educação sexual, principalmente no que concerne às mulheres religiosas?

No Brasil, a educação formal religiosa tem início no século XVI, proposto por práticas religiosas dominantes, oriundas do Cristianismo Católico, com fins de ampliação e subjugação dos povos oprimidos (negros e índios) reproduzindo exercícios colonizadores, desvalorizando a cultura originária desses sujeitos (Santos 2012). Somente a partir de 1910 que começam a ser implantados templos pentecostais, uma crença à época vista como libertária, a propagação do novo modelo cristão, que aceitava a todos independente da questão racial e social.

Várias foram as denominações cristãs protestantes que passaram a assumir grande importância na vida cotidiana de novos convertidos/as brasileiros/as. Suas ações de conversão, como dito anteriormente, ultrapassavam os muros das igrejas. O “modelo” de homem e mulher cristão é perpassado por uma ética e estética “diferentes” dos não cristãos e o surgimento das escolas bíblicas, dos jornais de circulação local e publicações de temas especificamente relacionados à vida cristã, contribuem para a educação destes. Há toda uma construção do imaginário social para compor o modelo de sociedade, em que a diferença entre o homem e a mulher é demarcada no corpo e nas ações destes, em seu cotidiano.

É a mãe que tem a responsabilidade da educação doméstica e religiosa da família, pois o pai, quase nada pode fazer nesse sentido, devido as suas ocupações o chamarem quase sempre para longe do lar. Chegando do labor diário, onde muitas vezes tem que resistir a várias tentações e fatigado pelo trabalho na luta pela vida, encontra na esposa a

companheira amorosa, que o ajuda, com carinho e verdadeira afeição, a levar a carga que se tornará mais leve com o seu auxílio (O Batista Baiano 1927 apud Daéb's 2017, 67-68).

As publicações de circulação denominacional auxiliam as práticas, discussões e ações no dia a dia das/os fiéis. Quando se reporta ao universo feminino, muito recorrente e de fundamental importância para a manutenção de uma vida reta⁴, onde era preciso a pureza do corpo e da alma feminina para alcançar a santidade.

[...] eu quero que a minha filha cresça com uma formação ética diferenciada, não com aquela visão de que muitos tem aí, ah! Tudo é normal, tudo pode, tudo tá permissível, que a visão que ela tem é a seguinte: que ela é uma joia, joia não é pra todo mundo, bijuteria sim. Bijuteria qualquer um tem acesso, agora joia não. E aí, nessa perspectiva é que eu quero criar. Então, dentro de casa, eu procuro ao máximo dar exemplo pra ela como mãe, como esposa, como mulher, isso porque a bíblia me ensina isso né? Mas voltada para a doutrina bíblica mesmo (Jéssica, fiel Batista, discente do curso de história, entrevista, 2015 apud Santos 2018, 143).

Como observado, a mulher e mãe devem ser exemplo e transpor para a criação dos/as filhos/as essa condição. Quando se trata da menina, à observação feita por Jéssica, acerca do padrão a ser seguido pela jovem fiel, fica claro como essa educação evolui nos espaços denominacionais. Se consideramos as subjetividades implícitas no contexto social, ver-se-á que esse universo feminino também é marcado por diferenças que segregam os sujeitos com base nos modelos denominacionais estabelecidos. A condição de ser mulher não coloca todas no mesmo lugar, são corpos ideologicamente estruturados, a partir de suas identidades individuais e coletivas:

Quando falamos de mulheres negras, classe baixa, candomblecista de matriz angola, não é a mesma coisa que mulheres negras pentecostais classes baixas; nem mulheres negras cristãs batista, classe baixa. Há uma diferença entre esses sujeitos ainda que do ponto de vista étnico racial e social sejam os mesmos, o contexto religioso a que cada uma delas pertence determina não somente o lugar de fala, mas, o lugar do outro (Santos 2020, 42).

Por essa ótica, ao nos reportarmos ao campo de pesquisa em questão, é preciso considerar que no Brasil, as igrejas pentecostais é composta de um corpo de fiéis de maioria afrodescendentes. De acordo com Marcos Davi Oliveira (2004) a religião mais negra do Brasil é o cristianismo, e a Assembléia de Deus é o espaço denominacional onde se concentra a maioria da população negra, o que se confirmou no campo pesquisado, onde a totalidade das/os fiéis presentes são negras/os.

⁴ Na linguagem cristã a vida reta está condicionada a aceitar e manter o comportamento determinado pela doutrina religiosa, ou seja, assumir a condição de santidade.

Ainda nesse contexto, Bianca Daéb's (2017, 68) chama atenção para o ideal de pureza do feminino, que não se trata apenas de uma questão ética, mas também estética. “A pureza tem cor, é branca.” Logicamente a estética aceitável é esta, apontando como esse modelo social ocidental não somente parte de uma proposta machista e sexista, mas também de forte discriminação e preconceito racial em que o não branco sofre o não enquadramento estético do referido modelo.

Bianca Daéb's (2017, 69) aborda ainda como o manual da União Feminina Missionária Batista do Brasil publicado em 1981, colonizava os corpos pois “a disciplina do espírito deveria ser refletida no corpo”. Pontua ainda que não há espaço para a transgressão. Roupas, cabelo, gestos e palavras devem testemunhar a pureza e a beleza do viver cristão, próximo a um padrão burguês e branco.

É no corpo que se dão as sensações, as pressões, os julgamentos. Esses não acontecem de forma independente, mas estão intimamente entrelaçados, constituindo uma estrutura, uma unidade que tem uma ordem — a sua forma de corpo. É essa forma que garante o modo de ser-no-mundo e torna possível a compreensão de como as relações são construídas com o mundo e no mundo (Gomes 2008, 230-231).

Em consonância com a fala de Gomes (2008), podemos afirmar que é na doutrina que o corpo com base na Palavra se modela em busca da santidade. Nesse sentido, Gilberto (2014) afirma que o estímulo dos cristãos em propagar o “evangelho de salvação” parte da ordenança de Cristo, mencionada no contexto bíblico em Marcos 16:15 “Ide por todo mundo, pregai o evangelho a toda criatura”, deste modo, entendemos que o ensino doutrinário cristão, sempre esteve denotado nas Escrituras Sagradas (Bíblia), fomentando o comportamento dos fiéis.

O Pentecostalismo derivado de manifestações promovida pela Reforma Protestante⁵, tendo como percussor evangelístico Jhon Wesley, ocasionou a ação promovida por Robert Raikes (1735-1811), na Inglaterra, aos 44 anos, redator do Gloucester Journal, diante das questões sociais, culturais, políticas e econômicas do país, terreno fértil a formação educacional da doutrina, que assim se projetou a EBD.

O Movimento didático proposto pela Assembleia de Deus, a princípio direcionado ao público infantil, logo se ampliou com a ingresso dos jovens e adultos,

⁵ A aparição e consolidação do pentecostalismo surge no início do século XX, com a chegada dos missionários suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren em solo brasileiro em 1910, firmando sua missão instituindo o grupo pentecostal, denominado Assembleia de Deus em 1911 no estado Belém do Pará. Denominação conservadora, baseada em práticas éticas e morais severas ou autoritárias, onde os fiéis são submetidos.

concentrando-se apenas no ensino bíblico. A Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil⁶, estabeleceu Diretrizes e Bases Normativas comungadas com as normas estabelecidas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). O documento em questão tratou de fundamentar e organizar as diretrizes pedagógicas para a educação no interior das igrejas assembleianas.

Como observado, a educação cristã é um veículo de transformação e formação dos sujeitos (fiéis) que contribui para o desenvolvimento de um proceder cristão no âmbito social. Essas transformações perpassam pela ética e estética do fiel onde o corpo “determina o lugar e o tempo do limite, da separação” (Breton 2020, 10). E nesse contexto, “as representações da mulher atravessaram os campos e estabeleceram o pensamento simbólico da diferença entre os sexos (Colling 2014, 24) e a Escola Bíblica Dominical se encarrega de propagar a fé cristã e adequar o comportamento social de seus fiéis seguindo as perspectivas ocidentais.

As fronteiras entre o pecado e o prazer feminino

A mulher, considerada sexo frágil, foi condicionada a viver à sombra do marido que, por sua vez, exigiu-lhe postura reta, de mulher decente e pura. Transgredir essa relação, assumir maior liberdade ética e estética, poderia marcar para sempre a vida da mulher “livre”.

No ambiente familiar cristão, o comportamento feminino segue essas normas e padrões desde a infância, isso implica que, simbolicamente a educação está voltada à futura “mãe, a esposa dedicada, “a rainha do lar”, digna de ser louvada e santificada, uma mulher sublimada” (Colling 2014, 24). Em uma das falas, uma interlocutora aponta que:

Eu cheguei para minha mãe com 12 anos e disse que estava apaixonada. Mulher! Isso é demônio! Isso é demônio. Minha mãe disse que eu estava endemoniada, mandou eu jejuar! Como pode uma menina de 12 anos apaixonada?! A vida é dura! Então a gente tem o peso da educação dos nossos pais, e o que a igreja impõe! [...] Uma menina que perdeu a virgindade não é vista com bons olhos para casar, entende?! A gente tem que guardar a virgindade como guarda a alma, porque no momento em que ela escapa pelos dedos, tu és uma menina marcada (Sara, 2020).

A fala de Sara revela uma distinção entre a mulher cristã e a mulher do mundo. A mulher do mundo, simbolicamente tem “seu contraponto, a Eva, debochada, sensual constituindo a vergonha da sociedade. Corruptora, foi a responsável pela queda

⁶ A convenção geral das Assembleias de Deus no Brasil — CGADB foi idealizada em 1929 por vários pastores e fundada em 1930 com o objetivo de organizar e coordenar as congregações assembleianas de forma a direcionar suas escolas possuem legislação com base no Conselho de Educação e Cultura proposto pela denominação, assim como, mantém Faculdades — MEC credenciadas por ela. e a CPAD (Casa Publicadora das Assembleias de Deus) como editora oficial da denominação.

da humanidade do paraíso” (Colling 2014, 24). Para essas mulheres os anseios da carne (desejo sexual) se tornam um fardo da juventude, devido a imposição da educação na família e na igreja. Por conta disso, os casamentos ocorrem muito cedo, casam jovens e não têm tempo nem oportunidade de se conhecerem, afinal guardar a virgindade como a alma é abdicar também de um prazer não possível, uma vez que o corpo feminino está à mercê da procriação e não do desejo. “O prazer sexual das mulheres cristãs deve ser sublimado, à mulher cristã cabe o sexo para a procriação. O verdadeiro prazer é o da alma e não o do corpo” (Daéb’s 2017, 77). A ela é negada a relação sexual como momento de afetividade e diálogo entre os corpos. O corpo feminino pode ser considerado alvo de pecado e desavença entre o casal.

De acordo Gomes (2008, 230) “O corpo localiza-se em um terreno social e subjetivamente conflitivo. Ao longo da História, ele se tornou emblema étnico, e sua manipulação tornou-se característica cultural marcante para diferentes povos.” É nessa perspectiva que os fiéis assumem a representação simbólica da Palavra na ação e no comportamento estabelecido através do corpo. Ainda segundo a autora, “ele é um símbolo explorado nas relações de poder e de dominação para classificar e hierarquizar os grupos diferentes” no caso aqui discutido, a afirmação do patriarcado.

Assim, a mulher pura deve ser obediente e gerar bons filhos, além disso, educá-los para evitar a tentação e o pecado da carne, pois à mãe cabe a educação dos mesmos e nesse sentido, o sucesso da família está associado a atuação da mãe. Sobre essa questão, uma interlocutora afirma:

Eu evito muito usar determinadas roupas porque eu entendo que... é o seguinte, a mulher se veste muito, algumas, com a intenção de provocar o homem, né? De provocar o homem, e se eu me visto com a intenção de provocar eu já estou pecando. E o pecado é algo que me afasta de Deus. Então, se eu não quero perder a minha comunhão com Deus eu devo tá evitando o pecado (Jéssica, fiel Batista, discente do curso de história, entrevista 2015 apud Santos 2018, 143).

A possibilidade de ser apontada como culpada nas relações sociais cotidianas, faz com que a mulher, a todo momento, se coloque em vigília. O corpo feminino deve ser contido de forma a manter os bons costumes sociais, pois “qualquer expressão sexual antes do casamento era considerada transgressão, sujeira, pecado contra o corpo que é o templo” (Daéb’s 2017, 70). Essa visão pecaminosa ainda é muito comum nas igrejas e vem interferindo nas relações conjugais, uma vez que:

Somos descendentes de uma cultura, onde o sexo só é permitido após o casamento e que antes disso é tido como pecado. Porém a igreja nunca permitiu que se falasse sobre o assunto de forma clara e objetiva dentro dela. No entanto, isso nos preocupa muito, porque as pessoas terminam recebendo informações distorcidas fora dela (Rute, 2020).

Nesse sentido, o tabu estabelecido na igreja contribui para a falta de conhecimento da mulher sobre o seu corpo, o que pode incorrer implicações negativas na relação conjugal. Para a/o fiel, é preciso refletir sobre essa questão, sobretudo porque a sua existência não se resume à igreja. Ela/e transita em outros espaços e se apropria de outros olhares sobre o sexo.

Para Sara, a ausência dessa prática social é reflexo de paradigmas historicamente implantados, tornando-se assunto censurado no âmbito religioso. Emocionada, ela afirma: [...] “Porque eu sou crente a mil anos e nunca vi, nunca vi, falar de sexo dentro da igreja e se envolver criança, misericórdia!”. Prossequindo com a lógica categórica Maria complementa [...] “Não tive orientação, TABU DA IGREJA” [...] “E o papel da igreja nesse momento? Entra, entra como? Em orientar! Tipo assim, reuniões” (2020).

Observamos que há um descontentamento entre as fiéis e a necessidade de discutir tais questões que afetam diretamente suas vidas. Assim, a tratativa da educação sexual na comunidade religiosa cristã ainda é desprezada, vista como assunto secreto, inalcançável, imprimindo sequelas irreparáveis às mulheres expostas a coação psicológica, em permanecer infeliz para manter a ordenança doutrinária. Sobre essa questão Maria desabafa: “Eu me casei dentro de um ano porque a igreja disse para mim que o meu namoro era até um ano, eu não poderia passar, e corri contra o tempo, sem casa, sem dinheiro, sem nada” (Maria, 2020).

É válido ressaltar que a exigência de um matrimônio pressuroso (às pressas), não se aplica com a mesma imposição de antes, no entanto a indução permanece ativa. Seguindo com o diálogo Maria: [...] “veio o divórcio! E agora? Como eu vou divorciar? O que a igreja vai dizer? O que o pastor vai dizer”? [...] “Eu ouvi de um pastor: quem se casou com seu carvão molhado que abane! Durante a fala de Maria, Sara interrompe: [...] “Sexo lá em casa era um negócio..., era tão pesado que minha mãe dizia se a gente caísse antes do casamento, o menino nascia aleijado” (2020).

Observemos quão fortes são as falas de nossas interlocutoras e como a educação no âmbito familiar/igreja impõem aos corpos a pureza do modelo cristão. Toda e qualquer repercussão negativa que provenha da relação, estará diretamente associada a responsabilidade da mulher, pois é dela o dever de cuidar do seu corpo, de guardar-se em santidade para uma vida plena em família. E quando a felicidade não vem? Quando a relação não tem cumplicidade? É dela também a responsabilidade de manter o casamento, pois uma vez separada ela poderá ser apontada pela igreja como uma mulher de pouca fé e ter a sua santidade questionada.

No discorrer da conversa com o grupo focal Noemi (2020) exclama: “Nós vamos viver o que a Bíblia disser! Estaremos assinando embaixo, porque é a vontade de Deus”. Por falta de conhecimento, de não se permitir outras possibilidades de interpretação, muitas mulheres afirmam que a Bíblia não trata essa questão. Assim, a relação entre fé e corpo é aceita como discutida no púlpito durante os cultos. Mas de onde parte a

discussão? Sendo o corpo dirigente, invariavelmente masculino, qual a compreensão deste perante as necessidades e angústias das mulheres?

Não debater sobre o sexo na relação conjugal nos espaços religiosos, não quer dizer que ele não aconteça. Principalmente entre as/os mais jovens, em que os hormônios não dialogam com o caminho da conversão, portanto infere-se é muito difícil manter “a pureza” até o casamento. Por isso, “vigiai e orai, para que não entreis em tentação; na verdade o espírito está pronto, mas a carne é fraca” (Mateus 26:41).

Mainha aterrorizava a gente dizia se eu engravidasse ela iria me colocar pra fora e nunca mais eu ia entrar naquela casa, teve uma vez que a camisinha estourou e eu entrei um desespero que eu comecei a chorar o medo de ser expulsa de casa (Rute 2020).

A fala de Rute demonstra como o medo e a angústia das jovens mulheres determinam a fronteira entre o prazer e o pecado. Nesse sentido, a educação e como ela acontece é fundamental para a privação da liberdade sexual. No contexto cristão, o amor livre:

[...] arruína a vida física, desvaloriza a personalidade, destrói o lar e a família [...] isso seria a degradação da mulher. [...] A mulher onde predomina o amor livre, nada vale e o seu estado social involui para o matriarcado, visto que passa a ser a única responsável pelos filhos, cujos pais são numerosos. O amor livre é a prostituição da mulher, a animalização do homem, a destruição do lar (Jornal Batista, 1954 apud Daéb's 2017, 70).

Dessa forma, a relação educação/sexo/religião faz entrecruzar discussões inerente, no intuito de ampliarmos o olhar ao universo feminino e suas intersecções presentes nesse contexto. Como a questão sexual e os direcionamentos doutrinários pode interferir na relação conjugal? O que daí pode inferir-se que, mesmo na condição de casada, a mulher não tem liberdade para expor o seu desejo sexual. Tocar seu corpo, senti-lo e responder as suas necessidades mais íntimas, pode provocar questionamento e conflito entre o casal. Casada há muitos anos com filhos e netos Rute relata:

Estávamos na hora do culto, aí deu aquele negócio em mim, aí ele se arrumando todo, eu peguei uma calcinha botei, e falei: Zé, não vamos para a igreja não, vamos ficar aqui, ele deu um pulo e falou: está repreendido! Sabe quando naquela hora você sente aquela vontade? Ele falou assim, está repreendido, olha irmã, você vigie viu na hora de ir para o culto você quer ficar em casa? Você está dando lugar a pomba gira? Mas eu fiquei com uma raiva, toda abatida, aí eu disse: eu também não vou mais para a igreja hoje, não aí ele disse: fica aí dando lugar ao inimigo! (Rute, 2020).

No caso em questão, a igreja cristã reproduz em seu contexto o patriarcado e a submissão do feminino, negando às mulheres a relação com seu próprio corpo e desejos

quando impõe a elas uma postura modelada, seguindo os padrões estabelecidos em suas doutrinas. Esse é um significativo exemplo de construção de um imaginário social machista, que fundamenta as relações cotidianas dessas mulheres, as quais refletem o querer e o poder do homem. Entretanto, é preciso considerar que o universo feminino se traduz em uma diversidade de leituras e possibilidades. Porquanto, como afirma Colling (2014), ao falarmos de mulheres é preciso considerar as sombras que compõem suas histórias.

É descobrir que um corpo se produz tanto do imaginário que existe em torno dele, como das variadas práticas que se articulam em espaços definidos, em ritmos, em modos de vestir e de utilizar a língua, em leituras, em gestos, em olhares permitidos e proibidos. Este trabalho sobre o corpo e, sobretudo, “sobre a alma que transparece no corpo que a contém”, como afirma Duby, é fruto de um contexto social, onde se cria, esquadrinha ou excluí. Como o corpo é o primeiro lugar da inscrição, a sociedade sempre leu, encarou a mulher a partir de seu corpo e de suas produções. [...] o corpo feminino é um texto histórico, escrito diversamente ao longo do tempo.” (Colling 2014, 27)

Deste modo, podemos considerar que a relação de julgamento e punição ao corpo feminino demarca o processo de colonização das ações das mulheres, especialmente, da referida religião, bem como as fronteiras psicológicas acionadas no momento da “transgressão” que envolvem seu comportamento. É somente dela a responsabilidade de acomodar seu desejo e orar em busca de paz interior, para que não caia em pecado. Pois, mesmo casada, ela precisa manter a pureza de uma mulher em santidade e ser sábia para preservar o casamento, dar mostras ao seu parceiro que ele fez a escolha certa, que ela pode ser o padrão esperado pela igreja e pela sociedade, mesmo entre quatro paredes.

Considerações finais

Compreender a diversidade presente no universo feminino é para além de difícil, de grande complexidade pois as relações, opções e escolhas feitas por elas, além dos espaços educativos em que transitam desde a família às instituições religiosas, o tempo e território que as compõem nos obriga a estender nossos olhares para elas.

Ao propomos o diálogo com a categoria de mulheres cristãs diante da colonização de seus corpos, seguindo os padrões ocidentais, cristãos, heteronormativo e machistas, compreendemos que se trata, como bem afirma Lélia González (2018), de uma categoria com várias frentes de luta, pois são mulheres, religiosas, na sua maioria negras, considerando a Assembleia de Deus, donde se infere, necessitam de acolhimento em suas demandas nas questões de gênero, bem como na perspectiva étnico racial e social em que estão inseridas.

Nesse sentido, o campo responde muitas inquietações das pesquisadoras quando as falas traduzem como a “colonização dos corpos” dessas fiéis se modelam em suas

trajetórias de vida, tendo a educação cristã como reprodutora do machismo refletindo em seus cotidianos sobretudo, nas relações delas com o seu corpo, sua sexualidade e na dinâmica conjugal. Uma colonização que perpassa além das questões biológicas ligadas a intimidade dos sujeitos, às questões físicas que demarcam a identidade racial, bem como as ações e comportamentos baseados numa moral delimitada pela doutrina presente em seu espaço de fé.

Destarte, o estudo revelou que os corpos femininos não só são condicionados às diretrizes denominacionais como são colonizados ética e esteticamente, a partir de padrões ocidentais. A igreja cristã, no caso aqui apresentado, protestante pentecostal, por ser um espaço congregacional de poder masculino, continua a reproduzir o machismo e a reafirmar a condição subalterna do corpo feminino, diante do inegável privilégio imputado aos homens.

Bibliografia

- Adichie, Chimamanda Ngozi. 2015. *Sejamos todos feministas*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Almeida, Bianca Daéb's Seixas. 2017. *Uma história das mulheres batistas soteropolitanas*. Salvador: Sagga.
- Bíblia. 2014. *Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil.
- Brandão, Carlos Rodrigues et al. 1981. *O que é educação*. São Paulo: Brasiliense.
- Colling, Ana Maria. 2014. *Tempos diferentes, discursos iguais: a construção do corpo feminino da história*. Dourados, MS: Ed.UFGD.
- Cruz, Maria Aparecida Souza. 2016. "Sexualidade e educação sexual." Trabalho de Conclusão de Curso, Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba. <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/1252>.
- Del Priori, Mary. 1993. *Ao sul do copo: Condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia*. Rio de Janeiro: EdUnB.
- Elias, Norbert. 1994. *O processo civilizador. Uma História dos Costumes*. vol. I. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Figueiró, Mary Neide Damico. 2013. "A produção teórica no Brasil sobre educação sexual." *Cadernos de Pesquisa* 98: 50-63. <http://publicacoes.fcc.org.br//index.php/cp/article/view/795>.
- Figueiró, Mary Neide Damico. 2009. *Educação sexual: múltiplos temas, compromissos comuns*. Londrina: EdUEL.
- Foucault, Michel. 1994. *História da Sexualidade II- o uso dos prazeres*. 7. ed. Rio de Janeiro: Graal.
- Foucault, Michel. 1999. *Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise*. Vol. I. Rio de Janeiro. Forense Universitária.
- Gilberto, Antônio. 2014. *Manual da Escola Dominical*. CPAD-Casa Publicadora das Assembleias de Deus.
- Gohn, Maria da Glória. 2006. "Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas." *Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação* 14(50):27-38. <https://doi.org/10.1590/S0104-40362006000100003>.
- Gohn, Maria da Glória. 2012. *Movimentos Sociais e Educação*. 8. ed. São Paulo: Editora Cortez.
- Gomes, Nilma Lino. 2008. *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*. 2º ed. Belo Horizonte: Autêntica.
- Lemos, Carolina Teles. 2012. Religião e Gênero: a intimidade entre o peso da tradição e a autonomia do indivíduo. In *Religião e (re)significação da intimidade*, organized by Carolina Teles Lemos, 13-38. Editora PUC Goiás.
- Lima Júnior, Luiz Pereira de. 2009. *Olhares inusitados: sexualidade, meio ambiente e educação*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB.
- Louro, Guaraci Lopes. 2014. *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. 16.ed. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Louro, Guacira Lopes. 2018. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Editora Autêntica.
- Maia, Ana Cláudia Bortolozzi, Paulo Rennes Marçal Ribeiro. 2014. "Educação sexual: princípios para ação." *Doxa: Revista Brasileira de Psicologia e Educação*, Araraquara 15(1): 75-84.
- Minayo, Maria Cecília de Souza, Suely Ferreira Deslandes e Romeu Gomes. 2011. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes Limitada.
- Muller, Laura. 2009. *Altos papos sobre sexo dos 12 aos 80 anos*. São Paulo: Editora Globo Estilo.
- Navarro, Juan Bosch. 2002. *Dicionário de Ecumenismo*. São Paulo: Editora Santuário.
- Oliveira, Marco Davi de. 2004. *A religião mais negra do Brasil — Porque mais de oito milhões de negros são pentecostais*. São Paulo: Editora Mundo Cristão.
- Santos, Deyse Luciano de Jesus. 2012. "A Palavra e a Escola: Negociação e Conflito no Trabalho com a Lei 10.639/03." Dissertação de Mestrado, Universidade do Estado da Bahia. http://www.cdi.uneb.br/site/wp-content/uploads/2016/01/deyse_luciano_de_jesus_santos.pdf

Santos, Deyse Luciano. 2020. “Educações, religiões e identidades: Interseccionalidades em sala de aula?” In *Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará: ancestralidades, religiosidades, educação e identidades na educação contemporânea*, organized by Deyse Luciano de Jesus Santos, Araújo Jurandir de Almeida e Sobrinho Raquel Alves, 25-46. Curitiba: CRV.

Santos, Deyse Luciano de Jesus. 2017. “Identidades Religiosas: Subjetividades em Conflito na Formação de Professores”. Tese de Doutorado, Universidade do Estado da Bahia. <http://hdl.handle.net/20.500.11896/1089>.

Tiburi, Marcia. 2019. *Feminismo em comum: para todas, todes e todos*. 9º ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.

Trindade, Jamile dos Santos Ferreira. 2020. “Religião e Educação Sexual: Um diálogo possível?! E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará- o rompimento do silêncio na igreja.” Trabalho de Conclusão de Curso, Centro Universitário Mauricio de Nassau. <http://repositorio.sereducacional.com/PortalDoAutor.aspx>

DEYSE LUCIANO DE JESUS SANTOS

—

Nota biográfica

Doutora em Educação e Contemporaneidade — PPGEDUC/UNEB; Mestre em Educação e Contemporaneidade — PPGEDUC/UNEB; Psicopedagoga Institucional Universidade Federal da Bahia — UFBA; Especialista em História e Cultura Afro-indígena Brasileira FSTA. Docente da UNINASSAU-Lauro de Freitas/Bahia.

—

ORCID iD

[0000-0003-2037-2066](https://orcid.org/0000-0003-2037-2066)

—

Lattes iD

[9534165939509903](https://lattes.cnpq.br/9534165939509903)

—

Morada institucional

UNINASSAU
Estrada do Coco, S/N, Km 4,5 Centro
Lauro de Freitas — Bahia — Brasil, 42700-000.

—

Recebido Received: 2021-01-31

—

DOI <https://doi.org/10.34619/dnrm-d39i>

JAMILE DOS SANTOS FERREIRA TRINDADE

—

Nota biográfica

Professora da Educação Básica da Rede Pública Estadual da Bahia; Membro do Grupo de Pesquisa Educação e Desigualdades PPGEDUC-UNEB; Membro do LTI Digital — UFBA, Coordenação do grupo de Estudos Educação e Religião — UNINASSAU/Lauro de Freitas-Bahia. Licenciada em Pedagogia — UNINASSAU — Lauro de Freitas; Assistente de Coordenação do SARTRE Escola SEB — Villas do Atlântico — Bahia; Membro do grupo de estudos Educação e Religião UNINASSAU/Lauro de Freitas -Bahia.

—

ORCID iD

[0000-0001-7725-4699](https://orcid.org/0000-0001-7725-4699)

—

Lattes iD

[4243339598217455](https://lattes.cnpq.br/4243339598217455)

—

Morada institucional

UNINASSAU
Estrada do Coco, S/N, Km 4,5 Centro
Lauro de Freitas — Bahia — Brasil, 42700-000.

Aceite Accepted: 2021-03-20